

A REPRESENTATIVIDADE LGBT NA LITERATURA INFANTOJUVENIL CONTEMPORÂNEA

Hewertton Ferreira Verçosa (UEA)¹

Maria Evany do Nascimento (Orientadora)²

RESUMO: Discussões acerca da liberdade e diversidade sexual e de gênero, tem se tornado cada vez mais recorrentes, com isso, autores ao redor do mundo, têm cada vez mais escrito obras que abordem a temática LGBT. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o presente artigo tem por objetivo encontrar as publicações de literatura que abordem o LGBT voltadas para o público infantojuvenil publicadas no Brasil no período de cinco anos, afim de conceber seu espaço na esfera literária brasileira. Ao se tratar de literatura infantojuvenil, o artigo possui como referencial teórico principal Fanny Abramovich e Nelly Novaes Coelho e para os estudos de gênero, Judith Butler. Ademais, o trabalho argumenta sobre o auxílio dessas obras na construção social de leitores com o objetivo de fomentar discussão acerca da homofobia. Nos resultados, pretende-se analisar a narrativa de duas obras e categorizar seus protagonistas procurando classificá-los de acordo com o que foi refletido dos estudos de gênero de Butler.

Palavras-chave: infantojuvenil; lgbt; gênero; identidade; literatura contemporânea.

¹ Aluno do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

² Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas.

Introdução

Discussões acerca da liberdade e diversidade sexual e de gênero tem se tornado cada vez mais recorrentes no período atual em que se encontra nossa sociedade, seja através do entretenimento (novelas, séries, cinemas, músicas) e nos meios de comunicação em geral.

Em contrapartida ao crescimento e visibilidade que o grupo LGBT vem recebendo, o preconceito e as manifestações de ódio contra o mesmo, infelizmente, vem se multiplicando e, em consequência disso a violência também tem aumentado:

Hate crimes and incidents can range from insults to inciting others to hatred, serious physical assault and murder. Perpetrators of homophobic hate incidents are motivated by prejudice or hostility towards their victim's actual or perceived lesbian, gay and bisexual (LGB) sexual orientation.³(DICK, 2009. p.4).

De acordo com relatórios publicados pelo Grupo Gay da Bahia – GGB⁴, em que levantam dados em relação a violência contra os LGBTs, somente no Brasil, foram registradas 343 mortes em 2016, números que correspondem a uma morte a cada 25 horas, 7% a mais que no ano anterior, em que foram computados 318 casos. Pelo mundo, os números são maiores. Tudo em consequência da ignorância, que por sua vez, precede o preconceito.

Acompanhando todos esses episódios, autores ao redor do mundo tem cada vez mais escrito obras que abordam essa temática. Esses autores, juntamente com suas editoras, ao escreverem e publicarem essas obras, muitas vezes, não só dão voz a si mesmo, como dão vozes a todo um grupo de pessoas que são marginalizadas e discriminadas.

Encontrar exemplares de livros que trouxessem essas questões nas estantes das livrarias não era algo tão comum de se ver há uns cinco anos. Porém, hoje eles estão lá, podendo contribuir com o intuito de minimizar a violência e propagar o conhecimento a respeito desse grupo. Essas obras se tornam meio de visibilidade e são voltadas para diferentes faixas etárias, como livros infantis, jovens e adultos.

É importante que esses livros existam, pois sociedade e literatura não podem ser desprezadas uma da outra. A literatura infantojuvenil tem um papel importante na formação de leitores, por meio desse contato primário com esses textos, a criança pode desenvolver seu

³ Em tradução livre: Os incidentes de crimes de ódio podem irromper de insultos para instigar outros ao ódio, agressão física séria e assassinato. Os perpetradores de incidentes de ódio homofóbicos são motivados por preconceitos ou hostilidades em relação à orientação sexual real ou percebida, lésbica, gay e bissexual (LGB), das vítimas (LGB).

⁴ O Grupo Gay da Bahia – GGB constrói um relatório anual de resgate de dados e informações nas cinco regiões do país há 37 anos.

interesse pela leitura e subsequente avivar sua consciência crítica. Por conseguinte, a literatura, sendo um convite à reflexão social e trabalharia na consciência crítica do leitor. Diante disso, esse trabalho pretende fazer um levantamento da literatura de temática LGBT, voltada ao público infantojuvenil. Partindo dos resultados, almejamos visualizar a produção e circulação dessa literatura no Brasil.

Duas obras selecionadas dentre os livros encontrados a partir dos resultados da pesquisa servirão como objetos para análise. São eles: *Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo*, Benjamin Alire Sáenz e *George*, de Alex Gino. A partir das obras, serão discutidos os meios sociais em que estão inseridos, percebendo se houverem, os processos de dúvidas, aceitação, negação, apoio e preconceitos, além das construções desses personagens por seus autores. A fim de embasar a categorização dos personagens, procederemos ao estudo da filósofa Judith Butler⁵, os quais foram o apoio para se discutir em torno da sexualidade, gênero e identidade neste trabalho.

O objetivo aqui é descobrir qual o espaço dessa literatura para o público infantil e juvenil, buscando dados como: em que ano foi a primeira publicação, qual a proporção do seu crescimento, quais especificidades de gênero são mais encontradas dentre as publicações e se elas retratam ou se aproximam da realidade enfrentada pelos grupos que compõem o movimento LGBT.

O presente texto está estruturado da seguinte forma, de início apresentamos a literatura infantojuvenil em seus aspectos gerais e o seu papel na construção social de leitores. Em seguida, tecemos um texto acerca dos estudos de gênero embasados em Butler. Posteriormente, apresentamos os processos pelos quais se sucedeu a metodologia para a pesquisa deste trabalho e, sucessivamente, os resultados obtidos. Dentro deste tópico, encontra-se a categorização dos personagens das obras citadas acima. Logo após, é feita uma discussão dos dados encontrados, em que se aprofundarão as questões gerais das obras encontradas. E, por fim, as considerações, abordando o trabalho, seguido das referências utilizadas para a escrita.

1. A literatura infantojuvenil

Em seu princípio, a literatura hoje denominada de literatura infantojuvenil, tem suas raízes na oralidade dos diversos povos, na memória e nas histórias passadas de geração a geração, desde a antiguidade. Com o advento da imprensa de Gutemberg, as produções

⁵ Judith Butler é professora de retórica e literatura comparada na Universidade da Califórnia, em Berkley, embora seu título acadêmico seja um tanto enganoso, pois ela não escreve explicitamente nem sobre retórica nem sobre literatura comparada.

impressas tornaram-se mais difundidas entre o público infantil. No século XVII, Charles Perrault produz o que chamamos de contos de fadas, narrativas maravilhosas e que continham também intenção pedagógica. Nos séculos seguintes, os Irmãos Grimm (século XVIII) e Hans Andersen (século XIX) continuaram coletando histórias e criando outras que se tornaram histórias clássicas não só para o público infantil, mas para todas as idades.

Ao se falar de literatura infantojuvenil, é preciso ter em mente que até o início do século XX, as crianças eram vistas como algo a ser modelado, de acordo com os preceitos de quem educava, fosse a igreja ou seu governo. Não havia a criança como ser de direito como se vê hoje. Sendo assim, a literatura voltada para elas tinha objetivo moralizador, com a finalidade de estimular a obediência, de imprimir valores e comportamentos socialmente aceitáveis. Com isso, a literatura até o século XIX terá um forte caráter pedagógico, mesmo que escrita com encantamento e levando a um mundo mágico e imaginativo.

Segundo Coelho (2000), o objetivo da literatura infantil é de encantar, desenvolver a sensibilidade, levar a outros mundos, estimular a imaginação e compreender o mundo real. Além da constituição de hábitos de leitura desde cedo, essa literatura propaga conhecimento de diversas áreas, auxilia no conhecimento das crianças de si mesmas e de seus sentimentos em relação ao mundo, uma vez que nas histórias são trabalhados problemas típicos da infância, como: medo, curiosidade, sentimentos de carinho e inveja, dor, perdas e outros infinitos assuntos:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

A continuação da leitura, enquanto crescem, formará crianças observadoras aos fatos do mundo ao seu redor, ouvindo e refletindo. Compreender as diferenças e as diversidades presentes no mundo, refletir sobre elas, entendê-las e ter a sua própria opinião a respeito de certos assuntos. Considerando não apenas o caráter pedagógico das narrativas, mas tratando principalmente, a literatura como arte e entendendo que a arte por si só educa, a literatura também trabalha a construção social, podendo ajudar as crianças a crescerem conscientes e talvez com mentes mais abertas, se distanciando do preconceito e ignorância.

1.1. A literatura infantojuvenil na formação social de leitores

A literatura é uma via pela qual muitas mudanças podem acontecer. Teresa Colomer (2005) diz que o importante não é a conservação dos livros através dos tempos, mas o que o leitor irá adquirir dessa leitura como um conhecimento amplo da linguagem, a entrada no imaginário da coletividade e a experiência socializadora que contribui para sua construção como pessoa para a coesão social. Sendo assim, a literatura além de formar leitores, também forma pensadores.

Além do prazer pela leitura, os jovens e crianças devem criar ligação pelo processo de identificação com os personagens, com a sua história, seus conflitos e suas conquistas. Dessa forma, criando um pensamento crítico sobre o assunto, sentindo-se mais à vontade para expor sua opinião de forma sadia, que pode ser diferente do outro, e eventualmente se expressando mais livremente:

Nas leituras de infância e adolescência o componente geracional pode não ser encontrado em relação ao folclore ou em outras obras que constroem as bases literárias, mas sim estar enormemente presente em determinados aspectos: a sensibilidade para com a proximidade da língua, a identificação do eu, o estilo da imagem etc. (COLOMER, 2005 p.18).

O que acontece é que o grupo LGBT é tratado como quase inexistente, ou como algo ruim. Por meio de uma literatura que traga narrativas de temática LGBT, poderemos cativar leitores conscientes sobre as diferenças que os cercam, compreendendo que elas existem e aprendendo a respeitá-las. É possível pensar em uma trilha mais suave daquela que decorreria se não houvesse a informação para combater a ignorância. A criança, ao desenvolver sua consciência social desde cedo, conhecerá e entenderá o outro lado, muitos poderão se identificar e se sentir parte de um todo, e não mais invisíveis.

2. Estudos de gênero

Neste ponto teceremos a respeito dos estudos de gênero, tratando da sua origem e discutindo-os com base em Judith Butler, filósofa conhecida por seus estudos em teoria *queer*, teoria feminista e estudos de gênero.

Durante os anos 60 vários movimentos sociais se instauraram ao redor de todo o mundo, como as revoltas estudantis em Paris, o movimento hippie, as lutas contra a guerra do Vietnã,

os *black phanters*⁶ e, no Brasil, a luta contra a ditadura militar. As mulheres participantes desses grupos começaram a perceber que exerciam papéis secundários e raramente ocupavam grandes cargos dentro das organizações, não importando o quanto militassem em pé de igualdade com os homens. Então, dentro dessas revoltas libertárias, os estudos de gênero têm o seu gatilho inicial.

O conceito surgiu através de pesquisadoras norte-americanas, dentre elas, Judith Butler, pois se tornou necessário mostrar que as desigualdades às quais as mulheres estavam submetidas advinham das posteriores convicções de que a sua biologia as torna inferiores, merecedoras de menos direitos. Os estudos de gênero não negam a biologia do ser humano, mas sim que ela não deve definir o seu local na sociedade. Hoje, esses estudos se aproximam de discussões em relação às outras identidades, assim como o seu conceito permite explicar os sujeitos LGBT.

O que ocorre é que o conceito de gênero, no ocidente, está próximo ao de sexualidade. Isso promove uma imensa dificuldade no senso comum de separar a identidade de gênero da sexualidade, esta última marcada pela escolha do objeto de desejo. Nos tópicos seguintes, refletiremos sobre tais conceitos na perspectiva dos estudos de Butler, a fim de melhor ilustrar o entendimento sobre tais problemáticas.

2.1. Gênero

No primeiro capítulo de seu livro intitulado *Problemas de gênero*, Judith Butler diz que o gênero é cristalizado, um processo sem início e nem fim, sendo assim algo que fazemos e não algo que somos. A fim de desfazer a conexão entre sexo e gênero, Butler declara que o gênero é não natural, assim não existe necessariamente uma relação entre o corpo de alguém e o seu gênero. Portanto, abre-se a possibilidade de que se exista uma fêmea que não traga traços femininos e vice e versa, ou seja, é possível ser fêmea masculina e macho feminino. Ao fim, argumenta que o sexo acaba se revelando gênero o tempo todo e que ambos são discursivamente⁷ construídos.

⁶ Também conhecidos como o Partido dos Panteras Negras, essa organização política extraparlamentar socialista revolucionária norte-americana era ligada ao nacionalismo negro e tinha como finalidade patrulhar guetos negos para proteger os residentes dos atos de brutalidade da polícia.

⁷ Fazendo uso dessa palavra, Judith Butler não se refere apenas à “fala” ou à “conversação”, mas especificamente às formulas de Foucault sobre o discurso como “grandes grupos de enunciados” que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos, ou seja, o termos “gênero” e “sexo” devem ser analisados no âmbito do contexto ou mudança específica em que se encontram.

Em outro artigo, *Variations on Sex and Gender*, a filósofa nos declara que o gênero é uma escolha e, por escolha, ela não quer dizer que um agente livre ou pessoa se põe fora de seu gênero e o elege, é irreal, uma vez que alguém já é seu gênero e sua escolha de estilo de gênero é limitada desde o princípio. Assim,

Escolher um gênero significa interpretar as normas existentes de gênero, organizando-as de uma nova maneira. Menos do que um ato radical de criação, o gênero é um projeto tácito para renovar a nossa história cultural segundo nossos próprios termos. Não se trata de uma tarefa prescritiva na qual devemos nos empenhar, mas de uma tarefa na qual estamos empenhados desde sempre. (BUTLER, 1987 *apud* SALIH, 2013, p.68).

Isto é, o gênero é um ato, ou sequência de atos que está sempre ocorrendo, uma construção social, cultural e está historicamente determinado a partir das relações sociais homem/mulher.

2.2. Performatividade de gênero

Para Judith Butler, todos os corpos são generificados⁸ desde o princípio de sua existência social. Isso significa que não há um “corpo natural” que exista anteriormente a sua incorporação social. Esse pensamento surge a partir da argumentação de Butler de que não há sexo que já não seja gênero desde sempre.

Com isso, voltamos mais uma vez ao ponto em que o gênero não é algo que somos, e sim que fazemos. A autora faz uma relação às classes gramaticais em que explica que o gênero não é um substantivo e sim um verbo, um “fazer” e não um “ser”. Butler (2003), citada por Salih (2013), salienta que o gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, aparência de uma maneira natural de ser.

Assim, podemos pensar no gênero como uma representação de um personagem ao qual está atuando tudo aquilo que foi pré-determinado como feminino ou masculino dentro de determinada cultura, as mulheres no Brasil não se vestem, falam e se portam da mesma maneira que as mulheres no Afeganistão. Conforme as culturas vão variando, os papéis vão mudando também.

Para clarear a ideia, podemos pensar no gênero como a escolha de um traje dentro de um guarda roupa já existente. No entanto, a escolha não será inteiramente livre, uma vez que

⁸ Dados como masculino e feminino.

os trajes que lá se encontram já estão limitados pelas estruturas de poder, seja político, social ou histórico, aos quais esses trajes estão situados. E aqui a ideia de performatividade é introduzida:

O gênero demonstra ser performativo – quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser, ou que simula ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se possa dizer que preexista ao feito. (BUTLER, 2003, p.90).

Com essa afirmação, vemos que, para Butler, não é como se existisse um sujeito, um “ator”, por trás dessa performance que entendemos ser o gênero. Para sustentar sua ideia de que não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero e que a identidade é performativamente constituídas pelas próprias expressões que são seus resultados, ela se apoia em Nietzsche⁹ e implicitamente na teoria dos atos de fala de J. L. Austin¹⁰.

Ainda em *Problemas de gênero*, Judith Butler enuncia que o gênero se mostra performativo ao ser constituinte da identidade que tenciona ser. Ou melhor, o gênero, sendo uma sequência de atos da existência àquilo que ele nomeia: um homem masculino, uma mulher feminina etc.

2.3. Identidade de gênero

A linguagem é um fator importante na construção da identidade de gênero, não é a identidade que executa um discurso, mas justamente o contrário, a linguagem e o discurso é que fazem o gênero. Não existe identidade de gênero que preceda a linguagem. A identidade é uma prática significativa, e os sujeitos produzidos culturalmente são efeitos e não causas do discurso. E é assim que a performatividade linguística se liga ao gênero.

Para a cultura em que estamos inseridos, o modelo heteronormativo de gênero é o mais aceito, por ser considerado natural e essencial. Aqueles que não o executam de maneira “correta” acabam sendo reprimidos.

⁹ Em *A genealogia da moral*, Nietzsche diz que não existe ser por trás do fazer, do atuar ou do devir; o agente é uma ficção acrescentada à ação, ou seja, a ação é tudo.

¹⁰ Em sua teoria dos atos de fala, Austin diz que a grande maioria das frases elaboradas por falantes de uma língua, são formas pelas quais esses falantes realizam determinadas ações e não necessariamente representações do mundo, criando, assim, uma distinção entre performativos e constatativos. Essa distinção é fundamental para a concepção de Butler, de gênero e sexo como performativos.

Butler (2003), *apud* Salih (2013), declara que o gênero é um “estilo corporal”, um ato, uma “estratégia” que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não “faz” seu gênero corretamente é punido pela sociedade.

Concluimos, então, que o gênero é uma cópia, uma repetição. O outro, que não tenta esconder sua diferença dentro do modelo heterossexual proposto pela sociedade, mas sim acentuá-las, acabam revelando que as identidades heterossexuais são tão construídas quanto as outras identidades.

Diante disso, defendemos que nos livros que aqui serão tratados, é possível encontrar como as questões de gênero propostas por Butler são impressas nos personagens principais através da escrita de seus autores, somado ao fato de esses livros se tornarem um meio a mais de se dar voz e visibilidade para esse grupo, muitas vezes marginalizados.

3. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa resulta de metodologia essencialmente bibliográfica e de levantamento, explicitada nos processos a seguir. Com o intuito de fazer um levantamento da literatura que aborda o LGBT produzida para o público infantil e juvenil nos últimos cinco anos (2012 – 2017), foi feita uma sondagem de obras publicadas por quatro das principais editoras que possuem como público alvo o grupo infantojuvenil. São elas: Intrínseca, Galera Record, Seguinte e Rocco. Inicialmente, seria escolhido apenas uma editora, porém como o número de livros lançados por elas individualmente se mostrou pequeno, decidimos juntar as quatro maiores para a averiguação. Além disso, foram escolhidas duas obras para que fosse feita uma categorização desse gênero, contudo, voltado para crianças e jovens. A pesquisa se seguiu assim:

- I. Foi feito um contato inicial com as editoras via e-mail explicando o projeto de pesquisa e pedindo informações sobre as obras que elas possuem publicadas no mercado com essa temática, das quatro, apenas uma respondeu ao pedido. Também foram realizados contatos via redes sociais (facebook, twitter), também sem resposta.
- II. Sem retorno de três editoras, partiu-se para a busca de seus catálogos eletrônicos. No Brasil, não existe qualquer tipo de filtro/categoria de literatura LGBT, então foram selecionados todos os livros voltados para crianças e jovens, e dentro deles aquele com essa temática. Ainda nesse processo, foram encontrados livros que

contêm personagens declarados gays, lésbicas, trans etc. que foram incluídos, já que o trabalho abrange a representatividade.

- III. Com os livros encontrados e separados por editoras, foi feita uma leitura das sinopses disponibilizadas nos catálogos eletrônicos e resenhas para que seus personagens fossem classificados em: gays, lésbicas, bis ou transexuais, além de organizar as obras em ordem cronológica de publicação.
- IV. Após essa última divisão, foi selecionado um livro de categoria gay, representando o grupo dos homossexuais e trans, para que pudesse ser feita uma análise da história e categorização do personagem, o principal requisito para a escolha das obras foram: personagem que se encaixa nessas categorias no papel do principal. Não tivemos acesso a obras com personagens bissexuais.

4. Resultados, análises e discussões

Neste tópico, faremos a exposição dos resultados obtidos a partir dos processos de pesquisa abordados na metodologia.

A pesquisa foi feita em torno das publicações de quatro grandes editoras, as quais tem como boa parte do seu público alvo, o infantojuvenil. São elas, Galera Record, Rocco, Intrínseca e Seguinte. Ao todo, foram encontrados vinte livros publicados no Brasil entre os anos 2012 e 2013, os personagens foram identificados e separados em gays (G), lésbicas (L), bissexuais (B) e transexuais (T), essa divisão foi feita para melhor conceber quais grupos LGBT estão sendo retratados na literatura infantil e juvenil. Seguem abaixo as obras divididas por editoras:

Galera Record
À primeira vista - David Levithan e Nina LaCour (G/L)
As crônicas de Bane - Cassandra Clare (B)
Dois garotos se beijando - David Levithan (G)
Garoto encontra garoto – David Levithan (G)
George - Alex Gino (T)
Me abraçe mais forte - David Levithan (G)
O canto mais escuro da floresta - Holly Black (G)
Will & Will - David Levithan e John Green (G)
Rocco

A arte de ser normal - Lisa Williamson (T)
Comportamento altamente ilógico - John Corey Waley (G)
Lembra aquela vez - Adam Silveira (G)
Lucas e Nicolas - Gabriel Sptis (G)
One man guy - Michael Barakiva (G)
Intrínseca
Apenas uma garota - Meredith Russo (T)
Os 27 crushes de Molly - Becky Albertalli (L)
Selva de gafanhotos - Andrew Smith (B)
Simon vs. a agenda homo sapiens - Becky Albertali (G)
Seguinte
Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo - Benjamin Alire Sáens (G)
A lógica inexplicável da minha vida - Benjamin Alire Sáenz (G)
Fera - Brie Spangler (T)

Tabela 1: Livros publicados pelas Editoras Intrínseca e Seguinte.
Fonte: O autor.

No processo de identificação do ano de publicação dos livros no Brasil e de visualizar a cronologia dos lançamentos, foi constatado que, no ano de 2012, nenhuma das quatro editoras escolhidas publicaram obras com conteúdo LGBT. A primeira a fazer uma publicação desse cunho foi a Editora Galera Record. Foi percebido também que a literatura que aborda o LGBT voltada ao público infantojuvenil ganhou forças no ano de 2015 e o ano com mais publicações foi o de 2017, com um total de oito até o fechamento deste trabalho. Isso pode ser observado na tabela montada abaixo.

ORGANIZAÇÃO CRONOLÓGICA DAS OBRAS	
2013	Will & Will – Galera Record
	Garoto encontra garoto – Galera Record
2014	Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo – Seguinte
2015	Dois garotos se beijando – Galera Record
	Selva de gafanhotos – Intrínseca
	One man guy – Rocco
	A arte de ser normal – Rocco
	As crônicas de Bane – Galera Record
	Me abraçe mais forte – Galera Record

2016	Simon vs. a agenda homo sapiens – Intrínseca
	Lucas e Nicolas – Rocco
	George – Galera Record
2017	O canto mais escuro da floresta – Galera Record
	À primeira vista – Galera Record
	Fera – Seguinte
	Comportamento altamente ilógico – Rocco
	Apenas uma garota – Intrínseca
	A lógica inexplicável da minha vida – Seguinte
	Lembra aquela vez – Rocco
	Os 27 crushes de Molly – Intrínseca

Tabela 2: Literatura encontrada em ordem cronológica de publicação.
Fonte: O autor.

Embora tenha crescido bastante, a partir de uma investigação dentro das histórias dos 20 livros descobertos, a fim de identificar na sigla LGBT seus personagens, notou-se que mais da metade dessa literatura publicada no Brasil apresentavam personagens homossexuais (gays e lésbicas). Isso fica melhor visualizado nos gráficos abaixo:

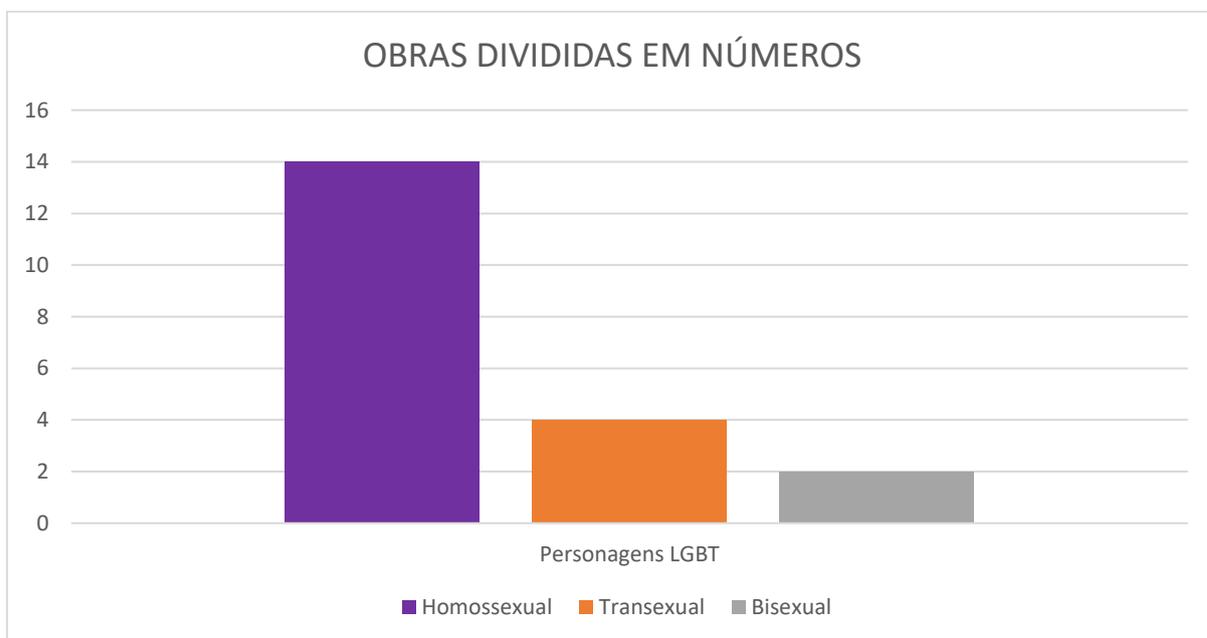


Gráfico 1: Total de livros divididos em números referentes à identificação dos personagens LGBT.
Fonte: O autor.

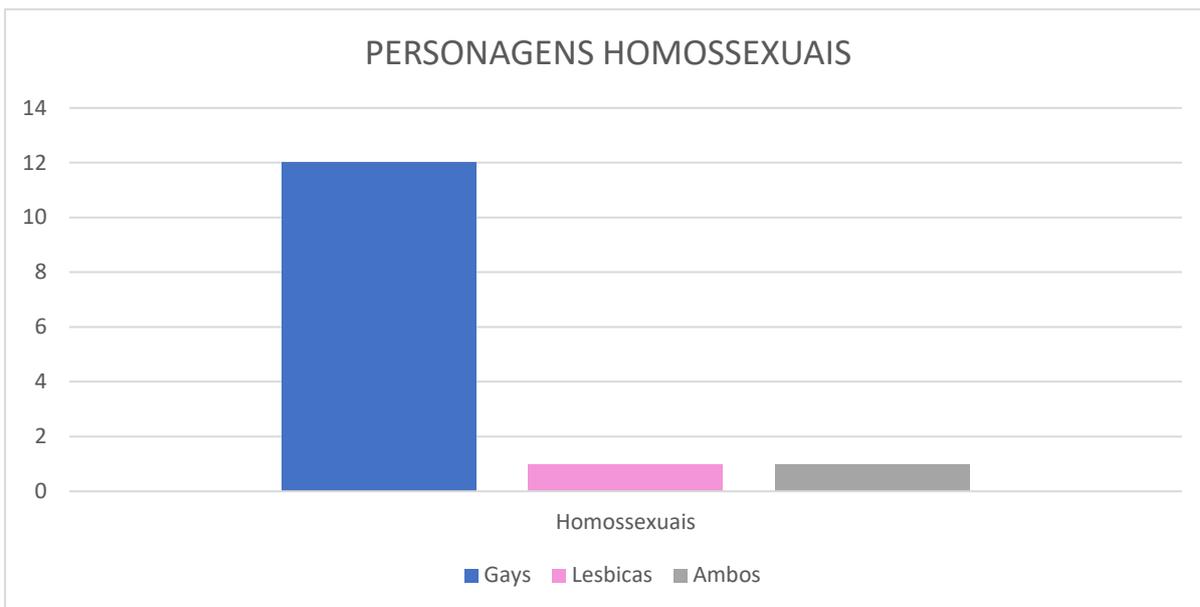


Gráfico 2: Obras divididas em personagens gays e lésbicas.
Fonte: O autor.

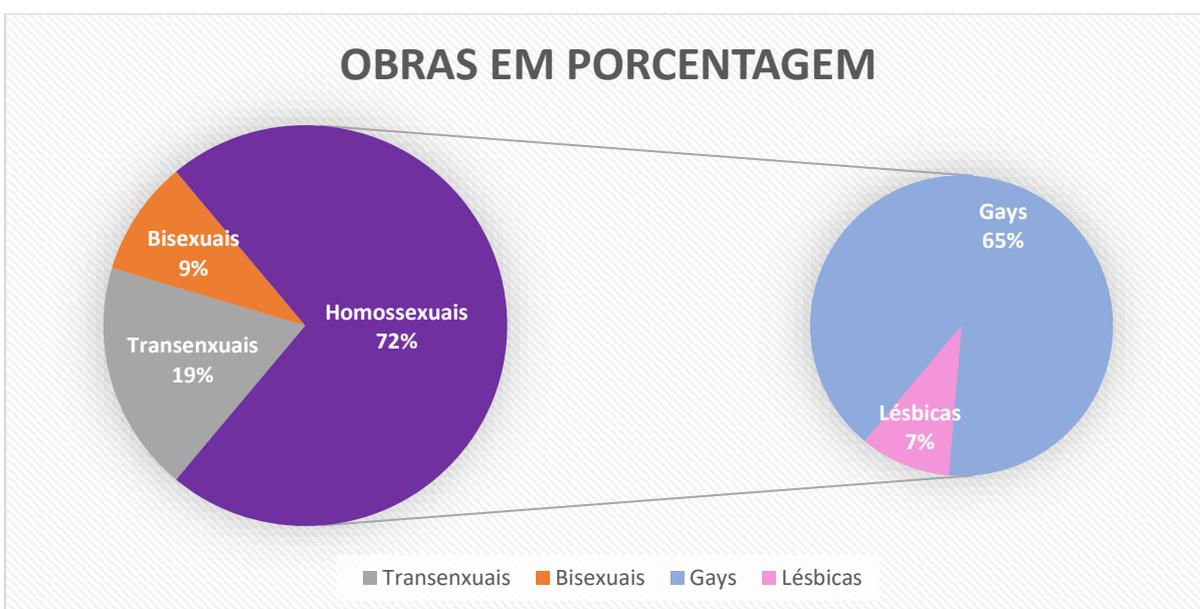


Gráfico 3: Porcentagem dos dados gerais obtidos na pesquisa.
Fonte: O autor.

Percebe-se que esse gênero de literatura tem um foco grande em personagens declarados gays, dentro do grupo homossexual, as personagens lésbicas ficam de lado. Assim como é quase inexistente livros que tragam personagens bissexuais no papel de protagonista. Esse dado é desproporcional porque, se não estão escrevendo tanto sobre, não está sendo discutido na mesma dimensão que o grupo de homens gays.

Já o grupo dos transexuais é o segundo com o maior número de publicações. Contudo, foi percebido que, quando se trata de uma literatura mais voltada para o infantil, obras com

personagens trans no papel de protagonistas então em peso. Talvez a grande quantidade de livros publicados com personagens gays e transexuais no papel de personagem principal se dê pelo fato de serem os dois grupos mais afetados dentro do movimento LGBT.

4.1. Análise da história e categorização dos personagens

A partir dos resultados da pesquisa mostrados anteriormente, neste tópico serão apresentadas as obras escolhidas para análise da narrativa e caracterização de seus personagens. O objetivo aqui é discorrer brevemente sobre a história e seu autor, ter uma percepção de como esses protagonistas, encaixados nas categorias LGBT, são apresentados pelo escritor, além de montar um perfil dos personagens e, se possível, interpretá-los a partir da teoria de Judith Butler.

A análise seguirá de alguns pontos da narrativa como: o meio social em que os personagens estão inseridos, como eles enxergam a si mesmos quando se trata de sua sexualidade, como os outros os enxergam, quais conflitos que enfrentam e como eles lidam com eles.

4.1.1. Aristóteles descobre o segredo do seu universo

Benjamin Alire Sáenz, é poeta e romancista, conhecido por seus livros voltados ao público infantojuvenil. Descendente de mexicanos, Benjamin sempre retrata em seus livros personagens que ou são mexicanos ou seus descendentes. Outra característica de suas obras é a homossexualidade em suas narrativas, como em seu segundo livro publicado no Brasil, *A lógica inexplicável da minha vida* (2017), e no livro ao qual foi escolhido para descrição e classificado neste artigo na categoria gay (G).

Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo, publicado em 2014 no Brasil, foi recebedor de prêmios de literatura infantil e juvenil, concedidos pela *American Library Association*¹¹ (ALA), e ganhador do *Stonewall Book Awards*, prêmio literário patrocinado pela comissão gay, que distingue ficções e não-ficções de temática LGBT, também patrocinado pela ALA. A narrativa se passa no final dos anos 80, em *El Paso* cidade do estado do Texas, nos Estados Unidos. No livro, temos Aristóteles, nosso protagonista, e Dante que acabam se conhecendo por acaso durante o verão de 1987. Aristóteles, que nunca teve muitos amigos, acaba se aproximando e estabelecendo uma amizade com Dante. Ambos no início da adolescência e tão diferentes um do outro vão se conhecendo aos poucos, além de a si mesmos,

¹¹ Com sua sede em Chicago, a *American Libraey Association* (ALA), é um grupo que promove a educação literária e as bibliotecas. Fundada em 1876, essa é a maior e mais antiga organização desse gênero no mundo.

passam a compartilhar, histórias, sonhos e risadas, algo totalmente novo para Ari, uma vez que não se expunha para sua própria família.

Com narrador em primeira pessoa, nós, como leitores, só sabemos aquilo que o protagonista quer que saibamos. Podemos descrever Aristóteles como um personagem, fechado e confuso quanto aos seus sentimentos, tanto em relação à sua família como em relação à Dante, e por conta disso se tornando solitário e deslocado quando se trata de relações interpessoais, principalmente com outros garotos:

Pois é, meu problema com garotos é que eu não fazia a menor questão de ficar perto deles. Quer dizer, me causavam desconforto. Não sei por quê, exatamente. É que... Sei lá, eu não fazia parte daquele mundo. [...]. Tinha a sensação de que havia algo errado comigo. (SÁENZ, 2014, p.25).

Nota-se que essa condição do personagem se dá por meio de três circunstâncias em sua vida. A primeira é a falta de comunicação com sua família. Ari é o filho mais novo e têm uma diferença de mais de 10 anos com seus irmãos, as gêmeas que o tratam como um filho e o irmão, preso quando Ari tinha apenas 4 anos. O pai é um ex-combatente na guerra do Vietnã, a comunicação entre eles é pouca, o pai de Ari é um mistério para ele. A mãe do protagonista é o membro familiar com quem ele mais se comunica, e aqui percebemos o senso de humor de Aristóteles, mas o fato dela não falar nunca sobre seu irmão o coloca nessa condição. Há um distanciamento de Aristóteles com seus pais:

Achei graça da situação. O jeito como eles se tratavam, a maneira fácil e carinhosa de conversar, como se o amor entre pai e filho fosse simples e descomplicado. Às vezes, o relacionamento entre mim e minha mãe era fácil e descomplicado. Às vezes. Mas meu pai e eu não tínhamos isso. Comecei a imaginar como seria entrar em casa e dar um beijo no meu pai. (SÁENZ, 2014 p.37).

A segunda circunstância é a sociedade e o tempo em que está inserido. Nos anos 80, a comunidade LGBT não tinha tanta liberdade quanto agora, além de ele viver no Texas, o estado-norte americano mais intolerante quanto a diversidade sexual até os dias de hoje. Em certo momento isso é perceptível, já que Dante é vítima de violência física insurgente da homofobia.

A terceira circunstância é o ser masculino, ser homem, quando se trata de ser descendente de mexicano e vivendo no meio social em que está inserido, como o próprio Aristóteles reflete sobre. “Então eu era o único filho homem. E sentia o peso de ser filho homem em uma família mexicana.” (SÁENZ, 2014 p.107). Aqui repousamos no que Butler fala sobre

gênero e performatividade de gênero. O protagonista parece estar muito preocupado com o fato de ser um único filho homem, já que seu irmão está preso, ou seja, o gênero masculino imposto pela sociedade texana dos anos 80. Como bem sabemos, o gênero é uma escolha. Salih (2013) explica que “é bem provável que a “escolha” de nossas roupas metafóricas se ajuste às expectativas ou talvez às demandas de nossos amigos ou colegas de trabalho, mesmo sem nos darmos conta que estamos fazendo isso.” O gênero escolhido por Aristóteles está a todo momento performando, e ele se sente pressionado em performá-lo corretamente.

Ao decorrer da história, Aristóteles vai conhecendo Dante, observa-se que ele entra em conflito consigo mesmo, pois não entende e reprime seus sentimentos pelo amigo que começam a aflorar. “Será que era tão bonito quanto Dante? Depois me perguntei por que pensei isso.” (SÁENZ, 2014, p.75). Nesse momento constata-se que as pessoas ao redor de Ari, como seus pais e seu médico, veem essa paixão surgindo:

- Eu tenho amigos, mãe. Amigos da escola. E Dante. Ele é meu amigo.
- É – ela disse. – Dante.
- É – repeti. – Dante.
- Fico feliz com o Dante
- [...] – Ari, só quero que você seja feliz. (SÁENZ, 2014, p.82-83).

Só quando capta que a relação com seus pais mudou que eles agem de forma mais aberta, falando daquilo que o afastava deles, no caso do pai, a guerra e seus pesadelos, e da mãe, o irmão, é que Aristóteles se sente confortável e acolhido, assim aceitando a si mesmo e sua paixão por Dante.

Em síntese, Aristóteles é um personagem solitário, fechado, que não entende e luta contra sua própria sexualidade. Mas essa repressão ocorre por conta de seus conflitos familiares, que não o deixam a vontade, só quando eles se resolvem é que Ari se sente pronto à aceitação de si. A narrativa, de acordo com os dados levantados e explanados nos gráficos anteriormente, encaixa-se na de maior número de publicações, a de personagens gays.

4.1.2 George e seu verdadeiro eu

George é o livro de estreia do escritor norte-americano Alex Gino. Alex nasceu em Nova York e desde criança soube que era diferente, ele é não-binário¹². Embora sua obra apresente

¹² Termo utilizado para se referir àqueles que não possuem uma identidade de gênero exclusivamente binária, ou seja, exclusivamente homem ou exclusivamente mulher.

um personagem transexual, ao ler uma de suas entrevistas¹³, é possível perceber um toque autobiográfico:

Well, we're both trans, white, bad at sports, and grew up in New York. We both want to be seen for who we are, and we both love Mario Kart! In other ways, we're not all that similar. I knew I was different as a kid, but I could never have named my gender as clearly ¹⁴[...]. (GINO, 2016).

George é um dos primeiros livros infantojuvenis a ser publicado no Brasil a trazer um protagonista transexual. Nessa obra, acompanhamos a vida de George, uma criança que está na quarta série e quer de todas as maneiras ser a aranha Charlotte na peça, “A menina e o porquinho” de sua turma, dessa forma, ele poderá mostrar a todos o seu segredo. Embora esteja no corpo de um menino, George é uma garota, seu nome verdadeiro é Melissa. Ao decorrer da história contada por um narrador onisciente, presenciamos os acontecimentos e obstáculos por qual a protagonista passa em busca de seu objetivo.

O autor escreve tudo de forma branda e terna, e claro, trata a personagem com a naturalidade que ela merece. É importante ressaltar a escolha da editora brasileira e de seu tradutor em usar o artigo “a” ao invés do “o” para se referir à personagem, uma vez que no inglês o artigo é o mesmo para os dois gêneros.

Podemos definir George como decidida e conhecedora de si mesma, embora não tenha uma idade definida, supõe-se que o personagem tenha 9 ou 10 anos por estar na quarta série do ensino fundamental. Desde as primeiras páginas podemos perceber que, mesmo tão jovem, a protagonista conhece seu gênero, isso é identificado quando o narrador nos conta sobre as amigas de George, as garotas em revistas de fofoca e moda feminina, o modo como ele descreve os pensamentos da protagonista sobre roupas e até mesmo seu modo de falar, mostram como ela entende de si mesma:

Se George estivesse lá, ela se encaixaria na cena, rindo e juntando os braços com os delas. Usaria um biquíni rosa-choque e teria cabelo comprido, no qual as novas amigas adorariam fazer tranças. Elas perguntariam o nome dela, e ela diria: meu nome é Melissa. Melissa era como ela se chamava no espelho, quando ninguém estava olhando e ela podia pentear o cabelo castanho liso para frente, como se tivesse uma franja. (GINO, 2016, p.9).

¹³ Entrevista para o jornal eletrônico *The Guardian*, em setembro de 2015.

¹⁴ Em tradução livre: Bem, nós duas somos trans, brancas, ruins nos esportes e crescemos em Nova York. Ambas queremos ser vistas por quem nós somos, e ambas amamos Mario Kart! De qualquer maneira, nós não somos totalmente parecidas. Eu sabia que era diferente quando criança, mas eu nunca pude identificar meu gênero claramente.

Aqui voltamos às reflexões de Butler em *Problemas de gênero* quando a filósofa discorre sobre o corpo e explicada por Sarah Salih:

Ela considera tanto o sexo quanto o gênero como “encenações” que operam performativamente para estabelecer a aparência de fixidez corporal. Se tanto o gênero quanto o sexo são “encenações”, e não simplesmente dados, então será possível encena-los de maneiras inesperadas e potencialmente subversivas. (SALIH, 2013, p.83).

No entanto, os dois gêneros performam em George durante a narrativa. O masculino em grande parte da narrativa, pois o meio social em que ele está inserido requer isso, porém a percepção de ser menino que ou personagens que o cercam, como os colegas de escola, sua mãe e o seu irmão tem é de que há algo de errado por George ser delicado e sensível. “Sem querer ofender, você não é um garoto muito bom.” (GINO, 2016, p.102). Mas isso não os impede de aceitá-la quando, finalmente, ela conta sua verdade.

Somente quando sai do meio social em que vive, indo ao zoológico em outra cidade, é que George se permite ser totalmente menina, com a ajuda de sua amiga Kelly, que empresta suas roupas e maquiagem. Ela se olhou no espelho e ofegou. “Melissa também ofegou para ela. Por um tempo, ela só ficou ali, piscando. George sorriu, e Melissa sorriu também.” (GINO, 2016, p.131). O gênero feminino performa totalmente em George, que apresenta seu verdadeiro eu, Melissa, para o mundo.

Ao contrário de Aristóteles, George é conhecedor de si mesmo, tanto que sabe que na verdade ele é a Melissa. A protagonista aqui tem contato direto com o preconceito, além de conflitos familiares, que não são motivos para Melissa se retrair. A obra *George*, conforme gráficos, encaixa-se no grupo de obras que trazem personagens transexuais, o segundo maior grupo com publicações.

Conclusão

A literatura infantojuvenil tem uma grande importância dentro do campo educacional, pois ensina sem o caráter de uma aula, produz pensamento crítico e momentos de reflexão. Se aprendem novos mundos, novas palavras, outras culturas. E quando juntamos a literatura infantojuvenil a temáticas LGBT, aprende-se sobre o outro, a respeitá-lo. E isso sem o caráter de doutrinação, que não é o objetivo dessa temática para jovens e crianças.

Quando o assunto é a diversidade sexual, infelizmente, existem grupos conservadores que se levantam contra. Isso mostra o quão a sociedade brasileira se encontra fechada para ideias diferentes ao que o conservadorismo prega, e por falta de conhecimento acabam propagando o preconceito. Atitudes como essas até explicam o grande número de violência causada por homofobia/ transfobia.

Embora seja tratado como tabu, e não aceito por parte da sociedade, pudemos perceber aqui que a diversidade vem conquistando seu espaço, contribuindo para o não apagamento dos indivíduos do movimento LGBT. Pudemos perceber melhor os estudos de gênero de Butler, assimilando que sexo e gênero são os mesmos, que o gênero é performativo e escolhido a partir de um guarda-roupas metafórico.

É interessante ressaltar que os livros aqui analisados procuram promover o reconhecimento da variedade sexual e a consumação de uma cultura de respeito e combate à homofobia. Como literatura, essas publicações tem um papel importante na construção social do leitor, principalmente por serem voltas a jovens e crianças, pois ambos estão no momento de construção de uma consciência própria. Esse processo todo é feito de forma lúdica, sem ter característica de aula. Como notado nas análises das obras e categorização dos personagens, eles são tratados com naturalidade, além de a história discorrer sobre preconceito, violência e aceitação, o que contribui na construção dessa consciência. Outro ponto é que diferente de obras voltadas para um público mais adulto ou em obras mais antigas, os personagens não são sexualizados, ou aquele núcleo cômico da história.

Assimilamos que com todos os obstáculos essa literatura vem crescendo, mostrando o quanto o movimento LGBT vem ganhando visibilidade e apoio nos últimos anos, pois a literatura vem somar aos meios que já os retratavam, vem ganhando mercado, produzindo valores sociais e demonstrando meios de ser e existir no mundo sobre a homossexualidade/ transexualidade/ bissexualidade. Isso através de suas narrativas e da construção de personagens que estão aptos a retratar a realidade, como constatado ao aplicarmos os estudos de gênero na construção que o autor fez deles. Claro que isso é só o começo, ainda uma análise simples. Pode-se dar continuidade a essas análises ao aprofundarmos esses personagens no comparativo da teoria de Butler sobre a performatividade de gênero e dos atos de fala propostos por Austin.

E, quem sabe no futuro, esses livros alcancem o meio escolar e sejam discutidos por lá, afinal, a escola, com ajuda do meio familiar é o núcleo da construção de leitores e cidadãos, “[...] a sociedade espera que a escola seja o lugar da formação de leitores. Mas essa formação deveria começar em família.” (TELLES, 2010, p.27). Com a contribuição de todos, estaremos

no caminho certo para uma sociedade mais tolerante e segura para todos, independentemente de suas escolhas.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. “Variations on sex and gender: Beauvoir, Wittig and Foucault”. In: SALIH, Sarah. Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. ed. 1.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COLOMER, Tereza. Nos caminhos da literatura. São Paulo: Editora Peirópolis, 2008.

DICK, Sam. Homophobic hate crimes and hate incidents. England: Equality and human rights commission. 2009.

GINO, Alex. George. Rio de Janeiro: Galera Junior. 2013. ed. 1.

SÁENZ, Benjamin Alire. Aristotle and Dante discover the secrets of the universe. Simon & Schuster BFYR, 2012.

SALIH, Sarah. Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. ed. 1.

TELLES, Tenório. Leitura – Conceito, prática e literatura. Manaus: Editora Valer, 2010.